

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietário A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Patz, Largo do Palacio n. 17.

NUMERO 9.

## O DOMINGO.

PARANHÃO, 9 DE MARÇO DE 1873.

### Bibliographia.

Por sua autora, a Exma. Sra. D. Narcisa Amalia, illustre poetisa fluminense, foi lisonjeira e delicadamente offerecido á redacção do *Domingo* um livro de mimosas poesias, com o modesto nome de *Nebulosas*.

Já muitas diligencias tínhamos empregado para obtê-las; vieram, como que a proposito, satisfazer o desejo desenfreado de termol-as.

Não têm sido inmerecidos os numerosos encomios com que toda a imprensa brasileira tem saudado a poetisa: são de incontestável valor os versos de Narcisa Amalia: relemei-os, \*penalizados por encherem apenas as 190 paginas daquelle livro.

Para dar-mos aos leitores uma ideia desse valor, falle por nós o Sr. Dr. Pessanha Povoá, nome assás conhecido no nosso mundo litterario, e que ajunzou da obra n'um elegante prefacio:

Narcisa Amalia será a impulsadora e o arna-

### FOLHETIM DO DOMINGO.

#### O mestre-eschola.

POR  
PAULO DE KOCK.

(trad. por A. A.)

(Vol. II n. 8.)

Os parisienses são curiosos: quizeram immediatamente conhecer esse tal Sr. Mathias, que dava uma festa de um novo genero: acceitaram os seus convites, e surprehendidos ficaram por serem recebidos por Sapho e Curtius, em pleno seculo XIX. Na occasião do jantar, raparigas, vestidas de escravas, entraram na sala com grandes jarras e exigiram dos convivas que lavassem as mãos; a sociedade, que tinha as mãos perfeitamente limpas, dispensou esta cerimonia grega. Então, á um signal do dono da casa, as raparigas coraaram cada convidado com uma grinalda de flores. Foi geral a gargalhada, porque á nem todos ficava bem uma corôa de rosas; e mais de um convidado, que trazia cabelleira e óculos, ficava, com ella, irrisoriamente burlesco. Caçoaram muito desta

mento de uma época litteraria mas auspiciosa que a presente. Ha de redigir os aphorismos poeticos, como Aristoteles oscreveu os da natureza.

Na historia da nossa litteratura, o seu enthusiasmo moral, que é um culto do seu talento, terá uma consagração nos annaes do futuro dessa legião de intelligencias que está celebrando as glorias do presente.

Não a conlego, mas eu imagino que em seu rosto a tristeza occupa o lugar da alegria.

—A funda melancolia

Não seguiu-a desde a infancia.

Deus não fez-a triste assim...

Heive na sorte inconstancia,

E se perden a alegria,

E' dos homens obra ruim. —

A extrema pureza dos seus pensamentos, o poder da sua imaginação, hem incluem que os seus paes lhe anticiparam um thesouro no abençoado curso da sua educação, no santo respeito da familia e amor da patria.

Ea penso que o fecho das suas palavras é um concerto de pezares. Ella aborrece a canalla subtilerna das letras, porque ha uma canalla illustre que é mais fidalga que a nobreza de decreto, isso, ella estima e applaude.

Narciza Amalia não é um typo: é uma heroína.

nova idea do Sr. Mathias, e, á excepção de algumas senhoras, á quem não ficavam de todo mal as taes cordas, repartaram todos ainda esta cerimonia. Felizmente, para os convivas, nada mais tinha o jantar de antigo; o ex-mestre eschola não conseguia, apesar de inauditos esforços, encontrar um esubeiro que trabalhasse á moda de Roma ou da Lacedaemonia.

O amphitryão, enquanto os mais comiara, pronunciou um discurso grego, que ficou sem resposta. No meio do jantar, fallou latino, e á sobremaneira somente exprimio-se em francez. A companhia deixava-o fallar para ali. Contentavam-se os circunstantes em olharem-se, sorrirem e apertar os labios para sufocar a gargalhada. Curtius suppunha-se admirado: lisonjeava-o este silencio.

Terminado o jantar, o Sr. Mathias diz á sociedade:—Vinde ao meu jardim; mil surpresas vos esperam lá. Vedeis o valle do Tempo, o templo de Epheso, o Parnaso e o rochedo de Leucade.

Visitaram os jardins; foi, porém, medíocero o encanto produzido por estas recordações historicas, que tanto tinham estado ao nosso heróe; e quando este propoz á sociedade o jogo do cesto, a lota, os jogos olympicos, mil vezes lhe disse-

Senão acanha de pedir que não elogiem os seus livros de prosa.

Em peço que julguem o livro de N. Amalia, livro que illumina a grande noite da poesia brasileira.

Quando houver um conselho d'estado ou um senado litterario, N. Amalia terá as horas de princeza das letras.

Este livro hade produzir tristezas e alegrias. E' a primeira brasileira dos nossos dias; a mais illustrada que nós conhecemos; é a primeira poetisa desta nação.

Delphina da Cunha, Floresta Brasileira, Ermelinda da Cunha Mattos, Maria de Carvalho, Beatriz Brandão, Maria Silvana, Violante, são bonitos talentos. Narciza Amalia é um talento feio, horrivel, cruel, porque mata áquelles. Foram as suas antecessoras auroras ephemeras; ella é um astro com orbita determinada.

Mais adiante:

Deve a autora das *Nebulosas* escrever um *Poema Didactico*, e se vierem agoutal-a os ventos da inveja e os mil desdens da ignorancia atrevida, deve escrever uma—*Poema Epico*. E' a tendencia da sua indole litteraria.

Estreou-se emancipada da poesia—pegas, do verso—capadocio, da litteratura—artezã, que ali vivem esteucando e distillando liliosas sujeidades e obscenas audacias.

ram:—«Preferimos uma quadrilha de Tolbecque ou de Mozart,»—o que muito o contrariou. E como a orchestra, que organisára, não tocava agutradanas, elle teve o desgosto de ver que era muito cedo abandonado pelos seus convivas, deixando-os, á elle e á sua encantadora Sapho, á liberdade de passemar sosinhos e maritalmente no valle do Tempo, dessa nova Thessalia, e de dar o salto do Leucade, si quizessem.

—«Os parisienses são muito desembaraçados! disse á sua mulher. E' preciso instruil-os; apesar disso, estou certo que se fallará da nossa festa, e que a Academia far-me-ha os seus cumprimentos por uma commissão.

Fallou-se, com effeito, de tudo o que tinha sido visto em casa do Sr. Mathias; mas ninguém o cumprimentou.

—«Vamos dar uma outra festa, senhora, de um genero completamente differente: traremos costumes da idade—média—dizia elle depois á esposa. A Sra. será *Ignez Sorel* e eu *Danaos*; os nossos jardins, dividil-os hemos em alcantuzias. Quebrar-se-hão lanças em honra da Sra.; que dará o premio ao vencedor, fazendo eu um discurso sobre a origem da cavallaria. Provarrei que as corridas foram inventadas na Italia

Seu estylo vigoroso, fluente, academico; a riqueza das rimas, tão euphonicas, tão reclamadas e necessarias ao verso lyrico; suas convicções fallando á alma e á imaginação, justificam a sua já precoce celebridade, confirmam a sua surpreendente e rapida apparição, precedida do respeitoso coro da critica severa e grave.

Á vista do que escreveu o illustrado juiz, que nos resta fazer?

Recommendar o livro aos nossos leitores e prometter-lhes a transcripção, no proximo numero, de uma das mais lindas poesias de Narcisa Amalia.

### Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset.)

(Continuação da p. 37)

#### III

A menina crescia; a natureza cumpria triste mas fielmente o seu dever. Camilla só tinha os olhos em serviço de sua alma; seus primeiros gestos forão, como seus primeiros olhares, dirigidos á luz. O mais pallido raio do sol causava-lhe transportes de alegria.

Quando começou a andar, uma curiosidade singular fazia-lhe examinar e tocar todos os objectos que a cercavão, com uma delicadesa cheia de medo e de prazer, que tinha a vivacidade da criança e já o pudor da mulher. Seu primeiro movimento era correr para tudo o que lhe era novo, como para agarral-o; ella porém detinha-se á meio caminho e voltava-se para olhar sua mãe, como que consultando a. Assemelhava-se então ao arminho que, segundo se diz, pára e abandona o caminho

pelos reis lombardos, que chamavam nas *batagtole*.

A Sra. Mathias gostou de ser Ignez Sorel. Seu marido fez de novo vir obrairos; as recordações gregas foram demolidas, e logo substituidas por monumentos da idade média. O salão, a casa de jantar, tudo soffreu nova pintura. O ex-mestre eschola ficou satisfeito por poder, a vontade, fazer reviver a época que queria celebrar. Só se viam tropheus, armaduras, divisas cavallerescas: os creados eram pagãos e servos; enfim o Sr. Mathias vestira a couraça de Dunois.

Presuroso o povo correu, em multidão, á festa: um jovem e bonito par, representando Ignez Sorel e Dunois podiam ter agradado á assembleia; mas os deus conjuges eram bastante feitos para imital-os. Não houve quem quibrasse uma lança em honra da Sra. Mathias; e quando o novo Dunois começou a sua arenga, um galope geral o interrompeu.

Porém o nosso herde não desanimava: á da idade média seguio-se uma festa asiatica; depois de uma chinezza, outras ainda, qual dellas a mais original.

—«Não desanimemos, filha; dizia elle á ella;

que segue, se vê que um pouco de lama ou de pó lhe vai manchar o pello.

A creanças da visinhança vinhão ao jardim brincar com Camilla. Era uma cousa estranha o modo por que ella as ouvia fallar. Estas creanças, pouco mais ou menos de sua idade, procuravão repetir as palavras estropiadas que ouvia ás mães e abrindo os labios exercião a intelligencia por meio de sons, que parecião simples movimentos á pobre menina. Muitas vezes para provar que havia comprehendido, ella estendia as mãos para suas companheiras, que de seu lado rezavão amedrontadas diante d'esta outra expressão de seu proprio pensamento.

Mme. d'Arcis não abandonava a filha. Ella observava ansiosa as menores acções, os menores signaes da vida de Camilla. Si ella podesse advinhar que o abbade de l'Épée bem cedo viria trazer luz á este mundo de trevas, como se alegraria! Porém ella nada podia e ficava sem forças contra este mal do acaso, que a coragem e a piedade de um homem virião destruir. E' singular que um padre veja melhor que uma mãe, e que o espirito que discerne ache o que falta ao coração que soffre.

Quando as amigas de Camilla chegarão á idade de receber as primeiras lições de uma governante, a pobre creança começou a mostrar-se triste por lhe não fazerem o mesmo. Havia em casa de um visinho uma velha professora ingleza que fazia soletrar com muito custo um menino e tratava-o severamente; Camilla assistia ás lições, observava com admiração seu camarada, seguia com a vista seus esforços, procu-

o governo não me perde de vista; é preciso que eu mostre a minha capacidade antes de ser nomeado.

—«Apoiado! não desanimemos—, respondia-lhe a mulher, que não estava descontente por vestir-se— ora de chinezza, ora de grega; mas o antigo mestre-eschola, que tantas cousas sabia, esquecer-se, sem davyda, de que teria sido preciso uma immensa fortuna para continuar o genero de instrução, que desejava ministrar aos seus concidatãos. Em pouco tempo fumou a fortuna da sua chara metade e vio-se rodeado de homens que lhe apresentavam contas e lhe pediam dinheiro.

—«O Sr., dizia um tapeceiro, deve-me 5.000 francos pela pintura e mobilia de um salão chinez.

—«Sr. tapeceiro, eu tenho de queixar-me do Sr., respondia o sabio, mandei-lhe que me pintasse todo o salão de amarello, e o Sr. não o fez. Ignora de certo que, na China, o amarello é a cor predilecta.

Os signaes de distincção são grandes coletes amarellos e pennas de pavão; as do corvo, (que contraste!), annunciam a desgraça.

O Sr. ha de fazer-me o favor de m'o pintar de amarello, Sr. tapeceiro.

rava, para assim dizer, ajudal-o e chorava com elle si o ralhavão.

As lições de musica forão para ella motivo de pena mais forte. Em pé, junto ao piano, ella estendia e movia os dedinhos encarando a mestra com seus grandes olhos, negros e bellos. Parecia perguntar o que se fazia com aquillo e tocava algumas vezes sobre as teclas de uma maneira á um tempo doce e irritada.

A impressão que os seres ou os objectos exteriores produzião sobre as demais creanças, não parecia surprehendel-a. Ella observava e recordava-se como os outros; porém, quando ella os via apontar esses mesmos objectos e trocar aquelle movimento de labios que lhe era intelligivel, começava então seu pezar: retirava-se á um canto e, com uma pedra ou um pedaço de pão, traçava quasi machinalmente na areia algumas letras maiusculas que via fazer aos outros, e que considerava attentamente.

A oração nocturna, que o visinho fazia repetir quotidianamente á seus filhos, era para Camilla um enigma que tocava o mysterio. Ella ajoelhava-se com suas amigas e punha as mãos, sem saber para que.

O cavalleiro via n'isto uma profanação. —«Ffastem esta criança, dizia elle, evitem-me esta farça.

—«Eu encarrego-me de pedir perdão a Deus, respondeo um dia a mãe. Camilla deu cedo signaes d'esta bizarra faculdade que os escossezes appellidão dupla vista, que os crentes do magnetismo querem fazer admitir e que os medicos, as mais das vezes, classificão de doença. A meni-

—«Si o Sr. persiste em me não querer pagar, recorro aos meios judicarios.

Os mercadores são pouco sensiveis á sciencia. Foi, portanto, necessario satisfazer as dividas: para isso venderam o resto que possuitam e, pagos os fornecedores, foi preciso abandonarem o palacete, para morarem em um quarto do quinto andar de um modesto sobrado, no Marais.

Esta subita mudança de situação contristou, naturalmente, a mulher do Sr. Mathias; para consolal-a, disse-lhe estas— Projecto uma festa nautica no canal de la Vilette, a Sra. vestir-se-ha de Naiade e en de Tritão; durante o combate, fallarei sobre a origem da navegação.

Mas, desta vez, ficou tudo no projecto. Com o que tinham em caixa não podiam fazer uma festa na mais pobre hospedaria, e a infeliz mulher esperava, chorando, o momento em que visse voar a ultima moeda. Ella perdeu todas as illusões e começava a lamentar acerbamento a perda de seu primeiro marido, negociante, menos scientifico e mais sensato que o segundo.

(Continúa).

na surda-muda sentia ver aquelles a quem estimava e muitas vezes lhos ia ao encontro, sem que nada a houvesse advertido de sua chegada.

Não só as outras crianças se aproximavam d'ella com certo receio, como a evitavam algumas vezes com ar de desprezo. Muitas vezes vinha uma d'ellas, com esta falta de compaixão de que falla La Fontaine, e punha-se diante d'ella a fallar-lhe e a rir-se, como que provocando-a á responder. Estas quadrilhasinhas de crianças, que se dançarão em quanto houverem pequenas pernas, Camilla, já então quasi moça feita, as via quando passeava; e quando cantavão o antigo estrilho:

Venhão dançar,  
E vêr como se dança...

Só, á parte, encostada á um banco, ella seguia o compasso, balançando a bella cabeça, sem tentar reunir-se ao grupo, porém com bastante graça e tristeza para inspirar piedade.

Uma das mais arduas tarefas que emprehendo este espirito maltratado, foi querer contar com uma sua vizinha que estudava a arithmetica. Tratava-se de um calculo facil e muito curto. A vizinha punha a cabeça em agoa por uns algarismos um pouco complicados. O total não chegava á mais de doze ou quinze unidades. A vizinha contava pelos dedos. Camilla, comprehendendo que ella se enganava, e querendo ajudal-a, estendeu as duas mãos abertas. Havião-lhe dado as primeiras e mais simples noções; ella sabia que dois e dois são quatro. Um animal intelligente, mesmo um passaro, conta de um modo que ignoramos até deus ou tres. Uma pèga, dizem, contou até cinco. Camilla, n'esta circumstancia, podia contar mais ainda. Seus dedos chegavão á dez. Ella os tinha abertos em frente de sua amiguinha, com um ar tão cheio de boa vontade, que parecia um homem honrado que não pagar.

A coquetaria cedo se revela nas mulheres: Camilla não dava indício algum.

—E' portanto terrivel, dizia o cavalheiro que uma rapariga não comprehenda um enfeite!—A estas lamentações Mme. de Arcis sorria tristemente.—E no entretanto ella é tão bella!—dizia a seu marido; e ao mesmo tempo empurrava Camilla docemente para a fazer andar diante de seu pae, para que visse melhor seu talhe, que começava a desenvolver-se, e seu andar ainda infantil, que era encantador.

A medida que crescia, assaltava á Camilla uma paixão, não pela religião que ella

não conhecia, porém pela igrejas, que ella via.

Talvez lhe estivesse n'alma este instinto invisivel, que faz uma criança conceber e guardar o projecto de tomar um habito de lã e procurar os que são pobres e os que soffrem, por toda a vida. Morrerão bastantes indifferentes e mesmo philosophos, antes que um delles explique uma tal phantazia; mas ella existe.

«Quando eu era menino, não via Deus; eu sómente via o côro», é certamente uma phrase sublime, escripta, como se sabe, por um surdo-mudo. Camilla estava bem longe de pensar com tanto ardor. A imagem grosseira da virgem, pintada com alvaide em fundo de gesso mascarado de azul como a taboleta de uma loja; um menino do côro provinciano com a velha sobrepeliz á cobrir-lhe a sotaina e cuja voz fraca e argentea fazia resoar tristemente as abobadas, sem que Camilla pudesse ouvi-lo; a marcha do Suíço, a postura do bedel,—quem sabe o que faz levantar os olhos á uma criança? Mas que importa, desde que esses olhos se erguem?

(Continua)

Augusto Gabriel.

### A morte de Napoleão III.

(Transcripto.)

(Continuado do n. 8.)

Foje-me a penna quando eu quizeria d'aminal-a, e de certo eu não consentiria que estas palavras talvez crueis me escapassem, se em torno d'esse tumulto entre-aberto não começassem agora a sentir-se não sei que vagos rumores de apothecose. Ah! tomo a Deus por testemunha de que a minha primeira impressão, ao saber a noticia da morte do imperador, foi uma impressão dolorosa; tomo a Deus por testemunha de que não senti mais do que o desejo de curvar-me silencioso e commovido diante d'essa senhora chorosa, diante d'esse adolescente afflicto.

Aos olhos da minha imaginação desapareceu o homem de 2 de dezembro e de Sedan, e ficou apenas o marido que procura debalde responder com um pallido sorriso ao ultimo beijo de uma esposa estremecida, que busca avidamente com o olhar entenebrecido, pela morte a imagem do filho querido que vai deixar para sempre. E olvidando as agitações politicas, os crimes do imperio, não vi senão o aspecto humano d'este drama familiar, mas sempre doloroso e commovente.

Mas de subito oiço erguer-se em torno do cadaver imperial um canto de louvor e de saudade. Vejo em França não só o jornalismo bonapartista, mas todo o jornalismo da extrema direita, todo esse jornalismo feroz que não quer ouvir fallar em amnistia aos communistas, que pede sangue, sangue e sangue para apagar a memoria dos incendios de Pariz, esse

jornalismo que applaude freneticamente Satory, que insulta os fuzilados ainda no estertor da agonia, que zomba dos prezos das presigangas, que acha a Nova-Caledonia castigo pequeno para tão grandes criminosos; esse jornalismo que não cessa de bradar vingança, vejo esse jornalismo curvar-se respeitoso perante o cadaver de um homem, que nem era ao menos o chefe do seu partido, que tem apenas para esses monarchistas *farceurs* o predicaço de se ter sentado n'um theatro! vejo esse jornalismo vulgar expiadas todas as culpas de Napoleão com a morte, aos 64 annos, no leito macio de um quarto confortavel, d'onde pelos vidros das janellas podia o imperador descançar o olhar moribundo no visoso veludo dos tapetes de relva da Inglaterra! E as culpas dos communistas essas nem as expiam sufficientemente os fuzilamentos em massa, os fuzilamentos em Satory, a morte agustiosa de tantos homens na flôr da vida, em pleno vigor de saúde e de mocidade! O sangue das mulheres e das crianças, derramado em ondas na rua Transouain no dia 2 de dezembro, bastam para o lavar duas lagrimas da imperatriz Eugenia! mas o sangue dos gendarmes e dos padres, que banhou as pedras da rua Haxo no sinistro de 28 de maio, esse nem consegue diluir-o a torrente de prantos de milhares de mães e de esposas, que choram, immersas na miseria, dilaceradas pela fome: longe dos pais e dos esposos, quantas vezes innocentes!

Ah! sabem todos que se ha homem em Portugal que não possa ser accusado de transigrir com essa odiosa canalla dos communistas! se ha homem que tenha dado repetidas provas de quanto odeia esses ineptos ambiciosos, esses exploradores de vis paixões, esses Erostratos absurdos da civilização contemporanea, esses demagogos que amassarão com lama e sangue a sua ephemera e funestissima diadema! se ha homem que protestasse energeticamente, em nome da liberdade ultrajada, contra os crimes dos que não só a violaram, mas tambem lhe conspiraram o nome, esse homem sou eu! mas acima de todas essas considerações, vive no meu espirito um profundo sentimento de justiça! e, se estou prompto a olvidar os odios e as paixões politicas, para me curvar em silencio perante esse tumulto que se abre na terra do exilio para o homem que governou a França, não me ha de impor este silencio como uma obrigação essa turba de reaccionarios francezes, que applaude delirantemente nos amphitheatros da imprensa o fusilamento dos communistas; como a plebe hespanhola applaude nos circos a morte do touro! não m'o ha de impôr essa turba sanguinaria, que a palavra *amnistia* faz espumar de raiva! não m'o ha de impôr essa horda catholica e legitimista, que, ao voltar da romaria de Londres, organisa uma dança macabra sobre as covas frescas de Satory.

Eu tencionava neste folhetim apreciar com uma imparcialidade, que mais pen-

desse para benevolencia do que para o rancor, os actos do homem que se chamou Napoleão III. Não seria de certo severo com as aventuras de Bolonha e de Strasburgo, que denunciavam por fim de contas um espirito audacioso e energico! Sem querer absolver por forma alguma o crime hediondo de 2 de dezembro, o perjuro, o attentado contra a liberdade, a violação da assembleia, os fuzilamentos nas ruas, o despotismo inaugurado em pleno seculo XIX sem ter ao menos por desculpa a gloria, não deixaria de confessar que a França, desorientada pelo terror do espectro vermelho, foi em grande parte cúmplice d'esse crime.

Sem deixar de reconhecer que o primeiro Bonaparte deveu ao prestigio do seu incomparavel genio, ao brilhantismo das suas acções pessoais, a influencia immensa que adquiriu no seu paiz, enquanto este a deveu principalmente ao esplendor do nome que encontrara no berço, e que tinham illustrado com victorias, confessaria tambem que, se Napoleão III esteve longe de possuir os predicados fascinadores de Cesar, teve algumas das qualidades de Augusto! Sem aceitar a opinião dos que fazem de Napoleão III um politico eminente, sem deixar de dizer que foi antes guiado pelos acontecimentos do que director d'elles, sem deixar de notar que as hesitações do seu espirito o levaram a dar a Lombardia ao Piemonte, sem prever que fundava os alicerces da unidade italiana, sem prever que Magenta e Solferino eram os prefacios inevitaveis de Gaeta e Castellinardo, sem observar que perdia os fructos da campanha de 1859 recusando Roma a Italia, e lançando por conseguinte esse aliado nos braços da nação que lhe desse Veneza, sem deixar de observar que nem sobre favorecer nem combater a unidade allemã, não deixaria de confessar que Napoleão III foi quem inaugurou em França os principios da liberdade commercial, que foi elle quem em parte levantou a França a um grau inaudito de prosperidade.

Mas, quando Mião pensa em erigir estatuas ao homem, que a entregou a Italia, obedecendo aos movimentos da opinião, que não tinha forças para reprimir, mas que lhe não merecia sympathias, como depois o provou pela reticancia com que deixou completar-se a unidade italiana, pela persistencia da esquadra franceza em Gaeta, pela obstinação com que fez dos soldados francezes os defensores do poder temporal, e os carcereiros da liberdade romana, quando vejo que Veneza quer erigir um monumento ao pasmado intermediario que a recebeu, sem a esperar, das mãos da Austria, e que a entregou a Italia com o sorriso amarello que Sadowa lhe fizera brotar nos labios, então revolto-me contra estes projectos de apothese, então lembro a esses indulgentissimos admiradores do prisioneiro de Wilhelmshöhe que, se é sagrado o tumulo, e respeitavel a dor de uma familia, tambem é necessario que se respeite a consciencia universal, e que a maior prova que pode-

mos dar da nossa veneração pelos mortos, é darmos ao imperador que expirou no exilio a esmola do silencio e do esquecimento.

*Pinheiro Chagas.*

#### Diva.

Ella era bella como a linda lua,  
gentil madona desdobrando o véo;  
tinha nas faces carminadas rosas,  
nos meigos labios candidez do céo.

Sorria aos astros no tombar das neutes,  
Lillava ás flores, quando o sol surgia,  
e, como a pomba, modulando arrulos,  
cantava hymnos ao lindar do dia.

Ligeira brisa no soprar lhe disse:  
«Ha longas terras, ha um céo mais puro;  
ahi a virgem a seismar não pensa  
nas negras flores do cruel futuro...»

La nesses plainos ha jardins formosos  
aonde o lyrio nunca perde o alvor;  
ouvem-se hymnos de sagradas harpas,  
sentem-se effluvios de celeste amor.

Oh! vem commigo!.. Tu não vês ao longe  
aquelle campo que outro mundo encerra?  
— Pontalinha candida, ao bater das azas,  
juntos fujamos dos paes da terra.»

E o meigo archanjo, no soprar da brisa,  
baten as azas; foi viver no céo...  
Ella era bella, como a linda lua,  
gentil madona desdobrando o véo.  
Janeiro de 1873.

D. S.

#### Itosa.

No girão molhando as flores  
Rosa chorando dizia:  
«A' pobreza dá a sorte  
«Por amor—melancolia—»

«O pae-d'arco doita flores  
«Colhe com ellas o chão...  
«Tudo o tempo faz mudar  
«Só não faz meu coração.

«O sabão namorado  
«Lá no pé da jussareira,  
«Vai matar no doce casto  
«Sandades da companheira.

«O fogo queima o roçado  
«Após a chuva apparece,  
«E o cipó que estava murcha  
«Derrepente verde cresce.

«A jandáia perde as pennas  
«Depois lhe tornão a nascer...  
«Té ás aves pode o fado  
«Dar pesares e prazer.

«A pombinha de causada  
«Bateo com o papo no chão...  
«Só as moças que padeco  
«Cada vez matereis zão.

No girão molhando as flores  
Rosa chorando, coitada!  
Soltava tristes lamentos...  
Pobre rôla abandonada!

*M. Marques.*

## CHRONICA.

Estamos na quaresma, leitores: ha bem pouco tempo viamos o presepe em que nascera o Messias; muito breve vamos vel-o expirar nos braços do sagrado lenho.

Chogada é a época dos confeitos, um dos classicos costumes do nosso povo; não ha menina que não tenha o seu mimo de uma caixa ou cartaxo de amendoas onde, n'um quadro, entre flores pintadas a carmin e gomma-guta—lê-se esta quadra, ou outra, á imitação:

Comprem froguezos  
Amendoas finas,  
Para ofertar  
A's suas meninas

Este emprego, porem, de *amendoas finas*, vão-o haindo as confiteiras, substituindo-o por cousa mais ligeira; exemplo:

Amor, tu foges,  
Amor, te escondes!  
E's mais ligeiro  
Que os proprios bonds!!!...

Tanta ligeireza parece-me que pede mais do que permite a força humana.

Algumas caixas e cartaxos conservam, nos seus versos, boa regra de orthographia; outros ha, porem, que é um Deus nos accuda; exemplo:

Cumo! vai! cum que chiquismo  
Eça camica, di rendas.  
Toma La crionta bela  
Este cachiaba di ameadas.

E' o caso de dizer-se como o outro:

Fuerva d.l. consouito, a lo que obligas,  
Que lucces, que sera blucacas las hormigas!

Os confeitos estão na mesma ordem dos pedidos de festas, das cabacinhas, dos pastores, e de outras tantas cousinhas que são a *fuca* da *roca* ou o *uso* da *terra*, como diz o ditado.

Bem nos muitos já se aboliram e outros se vão abolindo, não sei si digo feliz—ou—infelizmente; hoje tratam de prohibir justamente aquillo que nenhum transformo enxada, e tolerar o diabo: falle por nos a regulamentação dos cocheiros e outras patrenadas que se vão vendo, não se prohibindo, contudo, andarem os negros nus da cintura á cinta, e infernal algazarra que fazem ao carregar uma pipa, encommodando a Deus e a todo mundo, etc.

Dito isto, dir-vos-hei, leitor, que a procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos teve lugar na sexta-feira, com a pompa e as formalidades do costume.

A duntaria da rua do Sol trabalhou que não foi brinquedo: não houve capa velha na procissão.

Hontem a noite o illustro Sr. Dr. Cesar Marques fez na Bibliotheca Popular uma brilhante preleção sobre historia.

Com o inverno desapareceu a *Brisa*, porque, como é fesseca a estação, acham-na desnecessaria.

Ha mais tempo, dirão os leitores, (sabendo que ponho aqui ponto final)

*Eloy, o heróe.*

Maranhão.—Typo do Paiz. imp. M. F. V. Pires.